

# SOB BOLETIM

JANEIRO/FEVEREIRO 1985 - ANO I nº 3

ALIMENTAÇÃO E MANEJO DE AVES  
= CONTINUAÇÃO =

AUTOR: CARLOS KELLER

## 1.b. - MANEJO DE PÁSSAROS FRUGÍVOROS NO CATIVEIRO

Devido ao fato de me haver especializado em aves frugívoras e como até agora poucos seguiram o mesmo caminho, sempre fui alvo de muitas cartas e perguntas a respeito do assunto. Pude notar que a maior dúvida ou o ponto de maior interesse por parte dos apreciadores dos pássaros frugívoros sempre foi a alimentação.

Devo dizer aqui, que o fato mais importante no que se refere às aves frugívoras, não é a alimentação, mas sim a acomodação. Problemas com a alimentação, fôgo dizer já podemos considerar como superados, mas no que refere à acomodação, quase todos ainda estão engatinhando, e tudo isso, pela falta de se detectar esse ponto como sendo o primordial.

Os pássaros frugívoros sempre se destacaram mais pelo colorido magnífico de suas penas do que pela beleza de seu canto. São portanto erradamente mais usados em viveiros comunitários onde atuam como um belo conjunto, do que em gaiolas isoladas.

Muito mais agressivos que os gravívoros, são ao mesmo tempo mais delicados e individualistas que estes. Seu habitat é na maioria, as florestas tropicais silenciosas e sombreadas longe de habitações humanas.

Um viveiro populoso, com pássaros espalhados, desabrigado e exposto ao tráfego humano, é um ambiente tão intolerável que quase sempre os leva à morte. Em um ambiente como esse, no entanto é possível se manter pássaros granívoros (se bem que é totalmente desaconselhável).



Tangará Cristudo ou Chifrudo ou de Topete

Nome científico

Antilophia galeata (Lichtenstein)

Descrição: inteiramente negro, exceto topete, alto da cabeça, nuca e dorso superior, que são de cor vermelha viva. Pernas, pés, íris e bico escuros.

Comprimento: 15 cm.

Distribuição geográfica: Mato Grosso, Goiás, sul do Maranhão e do Piauí, oeste de Minas Gerais e Bahia, interior de São Paulo.

Desenho de Rolf Grantsau

Muitos colecionadores, já cientes da delicadeza e alta mortalidade dos pássaros frugívoros, ao desejarem incluir na coleção um lote de por exemplo 5 animais, já adquirem logo 10, estimando a mortalidade em 50%. Mal sabem eles que destes 5 animais se alojados no espaço que estava reservado para os 10, (provavelmente um gaiolão ou viveiro), poderiam morrer no máximo 1 ou 2. Caso esses 5 animais fossem alojados em gaiolas individuais tenho toda a certeza em afirmar que nenhum morreria, mesmo que a alimentação fosse apenas banana e água.

Quero deixar bem claro, que não estou fazendo a apologia da gaiola, mas afirmo que para pássaros ainda chucros, ou no caso de viveiros comunitários, por maiores que eles sejam, a gaiola ainda é a melhor alternativa, desde que o pássaro esteja sozinho nela.

As aves frugívoras, insetívoras, nectarídeas, etc., com exceção dos granívoros que são mais resistentes, são ultra sensíveis ao stress, o qual é causado principalmente pelo medo e pela aglomeração. O stress contribui muito mais rápida e decisivamente para a morte de uma ave do que uma má alimentação.

Se o leitor estiver desejoso de criar aves frugívoras, deve começar por uma estante de gaiolas retangulares de ferro, as chamadas "criadeiras". Essa gaiola deve ter 3 poleiros, sendo um de cada lado para a ave exercitar o vôo, e um no centro embaixo para que a ave o use ao se alimentar, não se sujando nas beiradas do cocho. Um poleiro de descanso é facultativo, e não deve ficar sobre o cocho de comida, que deve estar no centro, próximo ao poleiro baixo.

A lata do fundo deve estar isolada do contato com a ave, através de uma grade. Os pássaros frugívoros, principalmente as saíras, chegam para a venda em gaiolões aglomerados e são adquiridos com as penas lambuzadas de banana e excrementos. Uma boa higiene das penas é o fator que mais rapidamente levanta o ânimo abatido desses infelizes.

É imprescindível portanto, a higiene da gaiola e o oferecimento de água para o banho, em uma tigela ampla e de preferência de barro. Assim que expostos ao sol em suas gaiolas, com essas tigelas de água limpa, imediatamente principiará o banho. Após o banho o pássaro está novo, cheio de vigor e apetite.

Como medida de segurança, um cocho de água externo, feito de plástico e de boca pequena deve ser usado, pois com os banhos repetidos, a ave pode jogar fora toda a água do cocho de barro.

É durante essa espécie de "quarentena" em gaiolas individuais, que a ave vai ficar apta para enfrentar o viveiro, o qual deve ser individual para o casal, caso o

leitor deseje a procriação. Hoje em dia, a única justificativa para se manter aves no cativeiro é a procriação. Para mim, que tenho a procriação como objetivo, uma ave só, sem o seu par, me dá uma sensação de desperdício de tempo que às vezes chega a incomodar só de se olhar para o pássaro desaparecido.

No início de minha criação, eu achava que quanto maior fosse o viveiro, melhor seria a procriação, já que os pássaros se sentiriam praticamente livres lá dentro. De fato, um viveiro grande estimula o libido dos pássaros, e muitos, logo que soltos lá dentro iniciam a construção de um ninho. Bem... meu viveiro tem 4 metros de largura por 2,50 de altura e 65 metros de comprimento e embora essas medidas pareçam alviciáveis para uma boa procriação, este viveiro foi um desastre!

Deparei-me com problemas como o de brigas intermináveis, pássaros que desmancham o ninho dos outros, pássaros que nidificam sobre o ninho de outros, epidemias de rápido alastramento pelo contágio e assim por diante. Tive de me conscientizar que o único remédio era separar. Dei um passo atrás, e recolhi tudo novamente em gaiolas individuais, ou no caso de casais bem acasalados, usei um gaiolão para cada casal. Imediatamente as mortes chegaram a zero. Foi um alívio...

Inconformado com esse estado de coisas, pois meu desejo é procriar, passei a viveiros menores plantados, de 2 x 2, onde alojei dois ou três casais em cada. Essa medida de nada adiantou. Se bem que o controle das doenças foi solucionado em parte, o problema com brigas e roubo de ninhos continuou. Acho que se eu pusesse 100 ninhos no viveiro, todos iriam querer o mesmo.

Novamente voltei atrás e deixei apenas 1 casal em cada viveiro (geralmente o mais belo ou mais raro) e em quase todos houve procriação com sucesso. Até a Irena puella que é uma ave de difícil procriação, passou a fazê-lo com regularidade (a maneira de se proceder quando há filhotes, fica para um capítulo à parte, no mesmo artigo).

O viveiro grande, atualmente está sendo usado para a separação de casais certos, por escolha natural das próprias aves, já que em muitos casos não existe dimorfismo sexual. A maneira que uso para isso é simples, e pode também ser aplicada em viveiros menores:

- Solta-se um pequeno grupo de pássaros da mesma espécie (3 a 5) no viveiro, todos portando nas pernas, um anel provisório colorido. Caso não se tenha um número variado de cores disponíveis, dois anéis de cores diferentes um em cada perna resolverão o problema. Os pássaros de

verão ser soltos antes da época de reprodução, que vai geralmente de setembro a março. Devem ser soltos de preferência no mês de agosto. Logo se iniciará o acasalamento, e através de observação, o leitor poderá constatar que um par se segregará dos demais, chegando até a atacar os outros e inicia a procura de palhinhas para começar a fazer o ninho. Deve-se marcar bem a cor dos anéis do par, para não haver confusão. Rapidamente, retire o par do viveiro, retire os anéis e solte o par em um viveiro individual.

Através de um curto espaço de ambiente irá se iniciar a construção efetiva do ninho, e a reprodução muito provavelmente terá sucesso pois não haverá interferência de terceiros. Quando disse anteriormente que consegui procriar pássaros frugívoros em viveiros de 2x2, devo fazer uma ressalva, que para pássaros frugívoros pequenos como tiês, sanhaços e saíras, o viveiro pode ser menor.

Considero ideal o viveiro de 1 metro de frente por 2 metros de fundo e 2 ou 2,10 metros de altura. O que regula o tamanho do viveiro é antes uma metragem que permita a uma pessoa entrar dentro para efetuar a limpeza (fora da época de procriação é claro) do que o espaço físico exigido pelo pássaro, já que existem registros de procriação de saíras e tiês com sucesso em gaiolões. Aí já entra uma concepção filosófica e estética. É claro que viveiros de 1x2, de preferência plantados, oferecem um espetáculo infinitamente superior ao dos gaiolões desnudos, e o que é a procriação de aves, além da perpetuação das espécies senão um belo espetáculo para os olhos?

Continua no próximo número

NOTA: este trabalho, por ser extremamente abrangente, tem uma extensão que não permite ser publicado de uma só vez neste boletim, que está planejado para limitada quantidade de páginas.

## AZULÃO: CRIAÇÃO E MUTAÇÕES

Autor: Ennio de Araújo Flecha

Nomes populares: Azulão-bicudo, Bicudo, Bicudo da Terra, Azul, Tiatã, Azulão do Sul, Azulão do Mato Grosso, Guriandi, Viravira e Reina Mora na Argentina.

Ocorrem no Brasil duas espécies e duas sub-espécies, no total de 4 formas do belo pássaro chamado popularmente de AZULÃO. Na Amazônia o Cyanocompsa cyanoides rothschildii; no Brasil este-setentrional o Cyanocompsa cyanea cyanea; no Brasil

central e este-meridional o Cyanocompsa cyanea staerea e no Brasil oeste-meridional o Cyanocompsa cyanea argentina.

Vamos tratar aqui apenas do Azulão Cyanocompsa cyanea staerea, que mede 16 cms. pois somente dele tenho e tive mutações. Todavia, todos eles se assemelham muito, havendo ligeiras variações no tamanho, porte e cor, pois que uns são azuis mais claros, outros são mais escuros, alguns menores e outros maiores ou combico mais longo e mais forte, mas têm praticamente o mesmo comportamento e os mesmos hábitos alimentares.

O nosso Azulão é um dos extraordinários pássaros que habitam os campos, as capoeiras ralas e as várzeas plantadas de arroz, onde bandos deles esvoaçam de pendão em pendão, comendo o grão mesmo sem granar ainda. A sua coloração já o identifica com o nome, pois o azul predomina na sua plumagem, sendo mais claro na fronte, supercílios e coberteiras pequenas das asas e caudais; o lado ventral azul mais escuro. As rêmiges e as penas da cauda são pretas. Olhos, pernas e pés pretos e o bico é marrom escuro com um reflexo claro na maxila inferior. A fêmea, como na maioria dos nossos pássaros, é no geral parda amarela, com bico, pernas e pés pretos. Os filhotes assemelham-se com as mães, sendo um pouco mais claros.

O macho é excelente cantor, sendo por isso muito apreciado pelos passarinhos, não só para se deleitarem com o seu maravilhoso canto, mas também para disputas em torneios promovidos, hoje, por vários Clubes. Têm muita fibra sendo valentes e dominadores e é muito comum ouvir-se que um deles está "afinado" pois encontrou outro com mais valentia. A fêmea habitualmente não canta, entretanto na época da criação, talvez para estimular o seu pretendente solta um canto suave, pouco audível a certa distância, mas muito harmonioso, o que leva o macho a uma sequência intermitente de cantos que, certa feita, pode anotar, durou 3 minutos seguidos. A corte para o acasalamento é uma verdadeira festa.

A descrição desse momento feita pelo Sr. I. Garcia Rey, da Argentina, é de muita fidelidade e aproveitou para transcrever a: "O trato de meus exemplares de Azulão não pode ser mais afetuosos. Após estarem juntos e ajustados ao cativado, a fêmea começou a preocupar-se com a alimentação do companheiro, dando-lhe comida no bico, não a comida do papo, mas grãos de alpiste que previamente descascava. Isto provocou o efeito, evidentemente procurado e, em breve, estavam amigáveis. Interessante era então ver como festejavam e como um chamava para junto de si o outro. O que queria atrair o outro, levantava a cauda, separando um tanto as retrizes, entreabrindo as penas

dás asas, alçando a cabeça algo para trás, entreabrindo o bico de onde emitia um chilo suave e contínuo, isso acompanhado de estremecimento do corpo e arrepiamento das penas da região posterior.

Esta atitude não toma a ave de golpe, mas aos poucos, gradualmente até manter - se assim numa espécie de êxtase. O que assim tão atraentemente se vê chamado, sempre cede ao convite e se acercado outro, dando mostras de inquietação, agitando a cauda, com movimentos bruscos para um e outro lado. Aproxima-se então, trazendo logo no bico um grãozinho qualquer, que oferece ao solicitante da sua companhia.

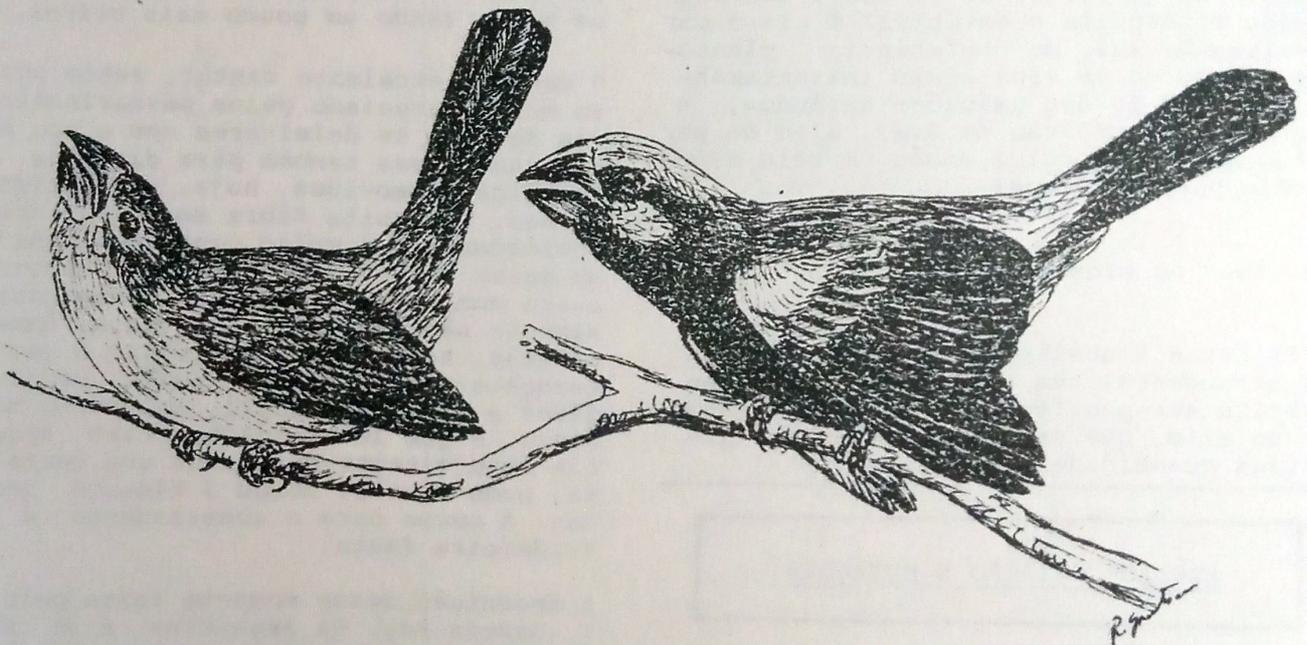
Este ato dá logo, a quem o observa, a impressão perfeita que as duas aves trocaram um beijo. Estas cenas se repetem muitas vezes, especialmente da primavera ao outono".

Para mostrar essa cena de tocante lirismo e ternura, o notável artista e ornitólogo Rolf Grantsau, desenhou o momento de namoro do Azulão, que ilustra este artigo.

tenho observado, parece estimular as fêmeas a iniciar o período de criação.

Havia antigamente um conceito de dificuldade em relação à criação do Azulão em cativeiro. Vários autores, como Eurico Santos, por exemplo, diziam ser difícil a sobrevivência dos filhotes e aqui em São Paulo tinha-se a mesma opinião. Em 1973, o Prof. Paulo Nogueira Neto, no seu livro "A Criação de Animais Indígenas - Vertebrados", já cita alguns criadores que tiveram sucesso com a sua criação e, hoje, posso afirmar já está bem mais fácil de criá-lo. De 1975- época em que comecei a fazer os registros do meu Criadouro - até hoje já criei 41 filhotes e note-se que em todos os casais ou o macho ou a fêmea eram mutação, o que torna mais difícil a reprodução.

A alimentação básica do Azulão são as sementes de alpiste, painço e arroz, mas sempre acrescento senha, cânhamo e girasol germinado. Forneço também verdura, escarola de preferência e uma ração à base de farinha de rosca com vitamina E, óleo de fígado de bacalhau, metionina e



Feito o acasalamento, partem os dois a confeccionar o ninho para postura, que geralmente é de 2 ovos e que leva de 13 a 14 dias de incubação para nascerem os filhotes. Eu uso aqui em casa os ninhos de corda tipo Piracicaba, tamanho para Canário Belga e forneço raiz de Capim Amargoso (*Digitaria insularis*) que eles gostam muito e recobrem o ninho formando uma espécie de cama onde a fêmea deposita os ovos. A raiz desse capim, pelo que

4

riboflavina misturada com gema de ovo cozido. Quando nascem os filhotes dou, também, larvas de *Tenebrio molitor* e *Palembus dermestoides*. A partir dos primeiros dias de outubro e até fins de março acontece o acasalamento e criação dos Azulões. Formado o casal, que aqui em casa, fica numa avoadeira de 1,40 x 0,40 x 0,30 mts. (formada pelo acoplamento de 2 avoadeiras número 3 de 0,70 x 0,40 x 0,30), inicialmente eles se estudam mutuamente e aos poucos vão se acostumando e trocan-



Foto de Paulo Fernando Flecha

São as seguintes, as mutações que possuo e já possuí:

- Macho branco lavado de roxo claro, bico e pés cor de carne e olhos marrom, cuja foto aparece nesta página.
- Fêmea canela claro em todo o corpo. Bico e pés cor de carne, bem claros, e olhos marrom.
- Fêmea canela escuro bem carregado. Bicos e pés de cor de carne bem claros e olhos marrom. Diferença da anterior na tonalidade geral que é mais chocolate.
- Macho canela acinzentado. Azul claro no geral, porém com peito e ventre acanelados e asas e cauda cor de canela. Bico e pés claros com olhos marrom escuro. Dois exemplares semelhantes.
- Fêmea cinza escuro no geral. Bico e pés canela claro e olhos marrom.
- Fêmea totalmente cinza, com tonalidade acanelada clara no dorso e ventre. Bico e pés claros, com olhos marrom escuro.
- Fêmea cinza acanelada. Diferença anterior por ter uma tonalidade mais clara, puxando a canela. Bico, pés e olhos iguais à anterior.
- Arlequim de branco. Fêmea, toda pintalgada de manchas pequenas brancas, com bico cor de chifre e pés e olhos normais.
- Arlequim de branco. Fêmea, manchada de branco, semelhante à coloração Pampa que existe em cavalos. Era denominada de Cavalo de Índio. Bico, pés e olhos normais.
- Arlequim de branco. Macho com coloração geral normal, porém com asas e parte da cauda brancas. Manchas brancas no dorso e no ventre. Bico, pés e olhos normais. Dois exemplares.

do gentilezas. O macho passa a cantar com mais frequência e a fêmea torna-se mais receptiva, época em que um trata do outro no bico, levando alguma coisa a comer.

Preparada a fêmea para postura, começam a confeccionar o ninho com raízes do capim que já mencionei e quando esse fica pronto acontece o acasalamento efetivo. A fêmea "pede a gala", expressão comum entre os passarinhos e o macho cobre-a durante todo um dia repetidas vezes. É típica e barulhenta esta cerimônia entre os Azulões, a fêmea como que chia o dia todo chamando o companheiro. Dois dias após surge o primeiro ovo no ninho e no dia seguinte a azulona bota de novo, começando a incubação que dura de 13 a 14 dias, ao fim dos quais nascem de uma só vez os dois filhotes. Os ovos são azuis claros, pintalgados de estrias marrons mais concentradas no polo rombo, medem de 20 a 20,4mm. por 14 a 14,4 mm. e pesam cerca de 1,6 a 2 gramas quando postos.

Inicia aí a lida da alimentação dos filhotes que nos primeiros dias é feita somente pela mãe e mais tarde por ambos. O macho canta muito nesta época, como que a proteger o ninho e a prole, espantando os intrusos. Ao fim de 13 dias os azulões saem do ninho e permanecem com os pais até os 35 dias mais ou menos, época em que já estão comendo o alpiste sozinhos. Nesse período, por volta do 25º ou 26º dia do nascimento a fêmea bota de novo e recomeça todo o ciclo da criação.

Os filhotes ao serem separados dos pais devem ter cuidados especiais de proteção e alimentação bem abundante. Serão colocados num local maior onde possam voar bastante a fim de fortalecer os músculos das asas.

#### BIBLIOGRAFIA:

- . Eurico Santos -  
"O Amador de Pássaros"
- . Fernando T.C. Saraiva  
"Pequeno Manual do Ornitólogo Amador"
- . Gabriel Augusto Machado  
"Nomes Populares das Aves do Brasil"
- . I. Garcia Rey  
"El Hornero"
- . J. Th. Descourtilz  
"História Natural das Aves do Brasil"
- . Johan Dalgas Frisch  
"Aves Brasileiras"
- . Olivério de O. Pinto  
"Catálogo das Aves do Brasil"
- . Paulo Nogueira Neto  
"A Criação de Animais Indígenas Vertebrados"
- . Theophilo Salem da Silva  
"Espécies de "Digitaria"
- . Meus arquivos.

#### NOTAS E NOTÍCIAS

. Conforme anunciado no SOBoletim nº 1, iniciou-se o segundo módulo do Curso de Taxonomia, ministrado por Rolf Grantsau. Além de inúmeros sócios, têm participado biólogos e estudantes de Biologia, atraídos por uma notícia publicada no jornal "Folha de S. Paulo".

. O Dr. Thomas N. Morgan, Físico americano, veio a São Paulo para realizar palestras na USP sobre componentes eletrônicos. Visitou a SOB numa terça-feira à noite, e assistiu palestra do naturalista Rolf Grantsau. O Dr. Morgan é um observador de aves no seu país, quando não está ocupado com Eletrônica.

. O espaço do SOBoletim está aberto a todos os associados que dele queiram fazer uso, e este tipo de participação é da maior importância para a sua razão de existir. Portanto, escrevam para o boletim. As únicas condições são: o assunto deve ser relacionado com os objetivos da SOB (aves, técnicas, reprodução, viveiros, preservação, ovos, observações de campo, doenças, alimentação, natureza, etc.); a diretoria responsável pela edição, tem a prerrogativa de aprovar ou não o material, de processar pequenas alterações que não modifiquem as informações e os conceitos dos trabalhos, com o único fito de manter intacta a linha adotada para o boletim; uma vez aprovado o material, ele será publicado de acordo com a conveniência de se oferecer uma certa diversidade de assuntos, em cada número de SOBoletim; observar-se-á ainda, a ordem de chegada dos trabalhos.

A colaboração escrita não tem outras condições; pode ser um artigo, uma tradução, um relato, uma simples comunicação, etc. O mais importante, é que o conteúdo seja de interesse geral dos associados da SOB, e que mais autores apareçam no boletim conforme é nosso desejo e foi nossa proposta, expressa no SOBoletim nº 1.

. É hora de "acertar as contas". A SOB não tem como operar sem as anuidades dos sócios, principalmente nesta época de inflação galopante, onde os custos de ontem já fazem hoje parte do passado. A anuidade para 1985 é de CR\$ 40.000.

Aqueles que não puderem visitar a sede para efetuar o pagamento, poderão mandar pelo correio, em cheque nominal à Sociedade Ornitológica - Bandeirante, informando ainda o seu número de sócio. Pelo correio, receberão de volta o respectivo recibo.

amareladas, com estrias verdes.

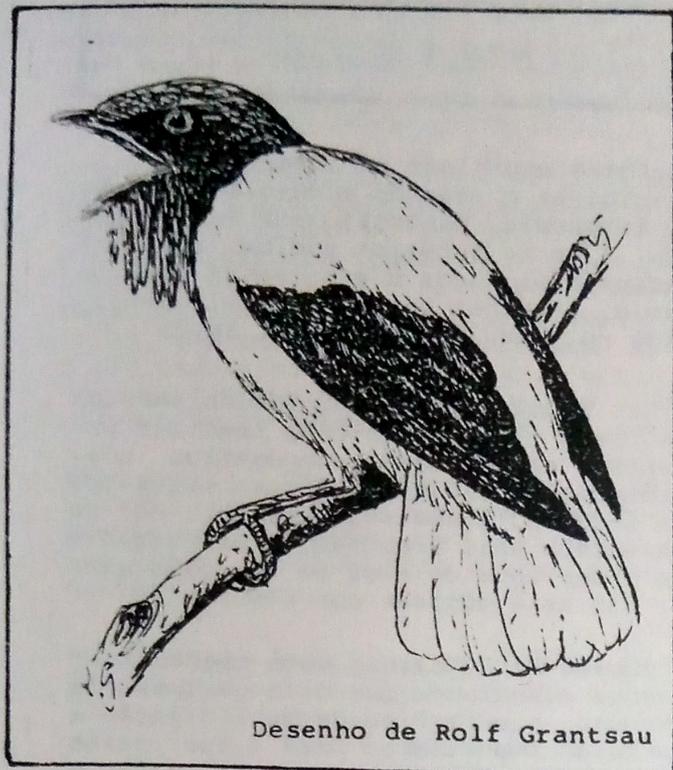
A distinção entre os dois sexos, observa-se aproximadamente aos dois anos de idade.

Segundo P. Roth, Departamento de Biologia da Universidade Federal do Maranhão, a Araponga do Nordeste é muito pouco conhecida, e algumas observações recentes indicam que é possível que esta espécie chegue até ao norte do Maranhão. A vocalização observada corresponde bem às descrições existentes para a subespécie P.a. carno-barba. As aves vocalizam principalmente em pequenas manchas de florestas altas. Parte do alimento é procurado fora destas florestas, em vegetação secundária.

Com respeito à coloração da cabeça, há variação dentro da população observada. Infelizmente as manchas de florestas estão diminuindo na região pesquisada.

(P. Roth - XII Congresso Brasileiro de Zoologia- Resumos - 560- 1985).

. Texto de Joaquim S. Carvalho



Desenho de Rolf Grantsau

Araponga do Nordeste

ou de Barbela ou de Asa Preta

Nome científico

Procnias a. averano (Hermann)

Descrição: Íris preta, bico preto, pernas e pés cinza escuro. Cor geral cinza muito pálido, quase branco. Asas pretas. Cabeça castanho café. Na garganta, uma quantidade considerável de apêndices car-nudos, de cor negra.

Distribuição geográfica: nordeste do Brasil, inclusive interior do Maranhão.

A subespécie Procnias a. carno-barba, ligeiramente mais cinza do que a P. a. averano, habita a Venezuela e Trinidad.

#### Outras arapongas do Brasil

Procnias nudicollis- toda branca, exceto os lados da cabeça e garganta, que são nus, cor verde-acobreada; bico preto e pés cinza. É a araponga mais comum no Brasil. Outros nomes populares: guiraponga, uiraponga, ferreiro e ferrador.

Procnias alba - toda branca, inclusive garganta. Possui uma carúncula sobre o bico e pendente para um dos lados. Também conhecida pelo nome gainambé. Extremo norte do Brasil.

As fêmeas adultas das arapongas brasileiras, são verdes na parte superior, cabeça mais escura e as partes inferiores

CONVERSANDO ...

Joaquim S. Carvalho

O Brasil possui, como é do conhecimento geral, uma avifauna riquíssima, de acordo com a sua dimensão e com o seu continente, tantas vezes chamado de Continente das Aves. Assim, não é de estranhar o fato de possuir algumas das espécies mais desejadas pelos amantes de aves do mundo inteiro. Araras, papagaios, periquitos, saíras, tangarás, cotingas, beija-flores, cardiais, mutuns, etc., estão entre aquelas que exercem maior fascínio aqui e no exterior, e por isso mesmo, são vítimas de um intenso comércio, que pelos excessos cometidos, tem causado alguns danos lamentáveis.

Determinadas espécies têm mesmo suas populações já bastante reduzidas, no entanto, muito mais pela devastação do seu habitat, do que por qualquer outro fator. Apesar da ação esporádica de um ou outro órgão-governamental (ou por isso mesmo) e da vigilância (insuficiente) de várias organizações de defesa da natureza, parece que certos habitats estarão destruídos dentro de pouco tempo e, só para exemplificar, basta comentar o caso da mata tropical, que ocupava a faixa costeira compreendida entre o Rio Grande do Norte e o Rio Grande do Sul, e hoje...bem, hoje é só olhar em volta ou ler nos jornais, para se perceber o que estão fazendo com as poucas manchas de mata que sobraram, incluindo aquelas de

nominadas Parques Nacionais, Estaduais, etc. Destruídas estas florestas, ou até mesmo antes disso, uma parte significativa da fauna que lá se refugia e se reproduz, deverá se extinguir.

Se essas espécies tiverem ampla distribuição geográfica, ainda poderão sobreviver por mais algum tempo em outras regiões mas, se a sua distribuição for restrita à área devastada, então a espécie estará perdida para sempre. O que se pode fazer, além de lutar pela preservação das últimas áreas naturais, de certas regiões do Brasil? Tentar manter, e fazer com que as aves se reproduzam em cativeiro, é uma alternativa e uma esperança.

Existem nos meios científicos e técnicos do setor, muitas vozes que duvidam que esta seja uma resposta eficaz; primeiro, porque tem sido extremamente difícil obter em cativeiro, a reprodução regular da imensa maioria das aves neo-tropicais; segundo, porque é problemática a adaptação a um habitat natural, modificado ou não, de aves nascidas em cativeiro; e terceiro, porque acreditam que os argumentos em favor desta tentativa, vem de "passarinheiros" interessados em aumentar as suas coleções sob o manto do "esforço de reprodução", ou de zoológicos com idênticos objetivos. Certamente estão em parte corretos; mas sem dúvida, cometem um velho pecado: o da generalização. Existem casos concretos de reprodução habitual e crescente de aves do Brasil. Aqui mesmo, nunca foram tentados programas de reintrodução de aves na natureza, oriundas de viveiros, de modo que se possa estabelecer um juízo definitivo e finalmente, existem instituições e "passarinheiros" não só sinceramente interessados e preocupados com um trabalho sério de reprodução, como também possuem condições técnicas para essa empreitada.

A SOB, mas não só ela, possui um grupo considerável de associados que através de anos de prática, de contato com leitura especializada, e da convivência com pessoas detentoras de conhecimentos específicos do melhor nível, cada vez mais possuem condições para enfrentar esse desafio. Mas algumas andorinhas não fazem verão; é preciso alguns bandos. Assim o ideal seria, que o "passarinheiro", em maior ou menor grau, dependendo do seu estágio, da sua disponibilidade e disposição, adotasse uma postura menos de colecionador e mais de criador-técnico, até autodidata, profundamente apaixonado pelo seu "hobby", por quê não, mas esmeradamente voltado para uma realidade nova e dramática, que exige dele, atitude e dedicação diferentes do que é tradicional.

Esse novo "passarinheiro", terá pelo menos duas satisfações: sentir-se-à e será útil e importante na tentativa de preservação da fauna alada, e terá no seu cria-

douro, por mais modesto que seja, aves saudias, bonitas e em reprodução, reduzindo ou eliminando a sua dependência do comércio depredador, alegrando seus olhos e seus ouvidos, recompensando o esforço e a dedicação.

Indo um pouco mais além nesta perspectiva: aves nascidas em cativeiro soltas na natureza, dentro de um programa adequado, repovoando uma região delapidada no seu estoque faunístico; o criador de aves indígenas, recebendo ajuda e facilidades dos órgãos oficiais e das instituições, em reconhecimento à seriedade e ao resultado prático do seu trabalho ou do seu grupo, ao invés dos obstáculos e das dificuldades de hoje.

Talvez esta conversa tenha derivado para um futuro longínquo e dificilmente realizável. Porém, a construção de algo pioneiro, exige cabeças sonhadoras e desprezadas; e o "passarinheiro" o que é realmente, senão um sonhador? Sonhos de lado, a realidade indifarsável é a seguinte: algumas espécies, e não são poucas, têm tempo certo de vida na natureza. Não devemos deixá-las desaparecer com tanta facilidade, sem nada tentarmos, além de protestar. Mesmo porque sem passarinheiros, não haverá "passarinheiros", porque nem só de canários do reino e periquitos australianos, vive o nosso homem.

A natureza está ameaçada: o ar, os mares e rios, recebendo contínuas doses maciças de poluição; as matas sendo exterminadas; os campos modificados e saturados de inseticidas; os animais silvestres em geral e as aves em particular, entrando num processo acelerado de extinção. Não é difícil portanto, concluir, que o homem em geral e o "passarinheiro" em particular, estão igualmente ameaçados de extinção. Que nesta quase tragédia, saiba o "passarinheiro" renascer criador-amador, purificado e engrandecido pelo resultado do seu trabalho, e do seu amor às aves.



SOB - SOCIEDADE ORNITOLÓGICA BANDEIRANTE

RUA DOMINGOS DE MORAIS, 2829 - SALA 3 - V. MARIANA

04035 - SÃO PAULO - REUNIÕES AS 3<sup>as</sup> FEIRAS - 20,30h